

Auritha Tabajara



**CORAÇÃO NA ALDEIA,
PÉS NO MUNDO**

Xilogravuras de Regina Drozina



Copyright do texto © 2018 Francisca Aurilene Gomes (Auritha Tabajara)
Copyright das xilogravuras © 2018 Regina de Fátima Drozina Oliveira (Regina Drozina)
Direitos desta edição reservados à UKA Editorial, um selo da DM Projetos Especiais Ltda ME.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, disponibilizada para download ou transmitida por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia), sem a autorização por escrito do proprietário do copyright.

1ª edição, outubro de 2018
Obra revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Coordenação e produção editorial e gráfica: Ab Averno
Edição: Camille Mendrot
Apresentação: Marco Haurélio
Capa, projeto gráfico e diagramação: Vitor Goerich
Revisão de texto: Juliana Amato, Patrícia Vilar e Camille Mendrot
Consultoria: Marco Haurélio e Valdeck de Garanhuns

Impresso no Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tabajara, Auritha
Coração na aldeia, pés no mundo / Auritha Tabajara ;
xilogravuras de Regina Drozina. -- 1. ed. -- Lorenz, SP :
UKA Editorial, 2018.

ISBN 978-85-64045-10-1

1. Literatura brasileira 2. Literatura de cordel
3. Poesia brasileira I. Drozina, Regina. II. Título.

18-19177

CDD-398.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia de cordel : Folclore 398.2

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Para conhecer todas as atividades do Instituto UKA,
encontre-nos nas redes sociais e visite o nosso site.

www.institutouka.br
www.facebook.com/institutouka
www.youtube.com/channel/UCmnduraku
www.radioporanduba.com

E, para outras informações, fale diretamente conosco:
ukacontato@gmail.com
(11) 3301-2190

A JORNADA DE AURITHA

A literatura de cordel que floresceu no Nordeste e foi, durante mais de cem anos, o passatempo predileto de uma legião de leitores tem passado por grandes transformações em sua temática, embora, em essência, permaneça a mesma. Explico: os grandes temas – histórias encantadas de reinos distantes ou irreais, dramas românticos, versões rimadas de clássicos universais, além da epopeia do cangaço – ainda fazem parte do repertório de homens e mulheres que dão continuidade à tradição. Acontece que, com o advento de novas tecnologias, os temas se ampliaram e, além disso, um movimento espontâneo, que renova o gênero sem romper com as matrizes, está em curso. Um exemplo muito claro disso tudo é a presença feminina no cordel contemporâneo, em especial no Ceará, talvez o estado que esteja hoje na proa da produção nacional. E entre os/as artistas que despontam, uma em especial chama a atenção: Francisca Aurilene Gomes, em arte, Auritha Tabajara.



Auritha teve, na vida e na arte, uma grande preceptora: Francisca Gomes de Matos, nascida em 1928, sua avó, parteira, rezadeira, mezinheira e contadora de histórias. Conhecedora dos segredos da vida e da natureza, Mãe-Vó, como Auritha a chama – até por ela ter sido, inclusive, sua parteira –, é a imagem do perdido e sonhado matriarcado, já que, entre seu povo, os Tabajara de Iporanga, Ceará, assim como entre praticamente todos os povos indígenas daqui e d'alhures, os líderes espirituais, os pajés, são via de regra homens. A mistura espontânea do catolicismo popular com as crenças de sua ancestralidade mítica não deixa dúvidas de que todas as forças cultuadas, todas as energias combinadas são apenas emanações de um único princípio. Um princípio que rege o micro e o macrocosmo, responsável pelo equilíbrio de ambos e que pode ser buscado na alma coletiva e no mais profundo de nosso ser. Não à toa, por influência de sua Mãe-Vó, Auritha é, hoje, em São Paulo, onde reside, terapeuta holística.

Auritha, mulher, indígena, nordestina, cearense, apreciadora de repentes e aboios, é a síntese do Nordeste que se enrola no couro e ostenta, com muito orgulho, sua tez morena, sua alma cangaceira e sua poesia que combina fazeres poéticos de origem diversa. Neste livro com traços autobiográficos, ela, ao mesmo tempo, contesta e homenageia os cordéis clássicos, ao contar uma história de princesa, sem glamour, sem reino encantado e, mais importante ainda, sem príncipe salvador. Há, sim, muita pedra e espinho, pois a jornada da heroína é, sobretudo, a jornada da superação. E a publicação deste livro coroa uma luta que, há tempos, a gente acompanha. Muitos outros estão sendo gestados, mas este é, duma tacada, o abre-alas e o porta-bandeira. Bravo!

MARCO HAURÉLIO

Escritor e pesquisador do cordel e da cultura popular brasileira.

Peço aqui, Mãe Natureza,
Que me dê inspiração
Pra versar essa história
Com tamanha emoção
Da princesa do Nordeste,
Nascida lá no sertão.

Quando se fala em princesa
É de reino encantado,
Nunca, jamais, do Nordeste
Ou do Ceará, o estado.
Mas mudar de opinião
Será bom aprendizado.

Num distante interior,
Tangido por vento norte,
Do balanço de uma rede
Ou como um sopro de sorte,
Nasceu uma indiazinha,
Chorando bem alto e forte.

Criou-se desde infante
No berço de sua gente,
Ouvindo belas histórias
De sentido inteligente;
Edificando o caráter
Na fase de adolescente.



Já estando mais crescida,
Moça de sonho profundo,
Respeitadora da honra,
De Maria ou Raimundo,
Voando qual beija-flor
Nas maravilhas do mundo.

Foi a primeira netinha
Da vovó boa parteira
Contadora de história;
Também grande mezinheira
Na região, respeitada
Por ser sábia conselheira.



Uma menina saudável,
Com o nome a definir,
Vovó a chamou Auritha,
Mas, quando foi traduzir,
Um ancestral lhe contou
"Aryrei" está a vir.

Mas, para se registrar,
Seguiu a modernidade
Com o nome de Francisca,
Pois, para a sociedade,
Fêmea tem nome de santa
Padroeira da cidade.

A menina foi crescendo,
Aprendeu a caminhar.
Com nove meses de vida
Tudo sabia falar.
Dizia: "Quando eu crescer,
Quero aprender a curar".

Admirada por todos;
Para muitos, diferente.
Na escola, aos sete anos,
Taxada de rabo quente,
Feiosa, bucho quebrado...
Porém muito inteligente.

Aprendeu a ler na rima.
Tudo queria rimar:
As brincadeiras e histórias
Que ouvia a vovó contar.
Com tambor e maracá,
De música foi gostar.

Conversava com espíritos,
Mas ninguém acreditava.
Conseguiu fazer remédio
Com as ervas que sonhava;
Cedinho, no outro dia,
As recolhia e plantava.



Contava para a vovó,
Que dizia: "Vá sem medo,
O tempo que vai chegar
Desvendará o segredo.
Escute, aprenda, pratique,
Vai precisar logo cedo".

E o tempo foi passando...
Com treze anos de idade,
Resolveu sair de casa,
Pra conhecer a cidade,
E outra história começa,
Pois vê no mundo a maldade.



Fugiu por dentro da mata.
Já longe da moradia,
Encontrou onça-pintada.
Pelo breu da noite fria,
Ante as adversidades,
Pai Tupã a protegia.

Por vezes sentia medo,
Mas não queria voltar.
Quando pensava em cidade,
Dizia: "eu vou gostar!
Lá deve ser tão bonito
Qual as penas dum cocar!".



De depois de uma semana,
Ouviu aquela zoadá.
Com alegria apressou
Os passos da caminhada
E gritou: "Eita, cheguei
Na minha nova morada!".

Enquanto isso, leitor,
Sua família sofria,
Vasculhando todo canto,
Notícia alguma ouvia.
A avó não se inquietava,
Pois ela tudo sabia.

O falatório foi tanto...
Aqueles que a invejavam
Diziam: "Ela morreu!",
Muito alegres, festejavam.
Sua falta na escola,
Os professores notavam.

Pois Auritha era exemplo
Em tudo o que ia fazer.
Não tinha tempo ruim,
Ajudar era um prazer.
Evitava confusão
Pra não ver alguém sofrer.

Agora, lá na cidade,
Era mocinha inocente.
Sorria pra todo mundo
Que passasse à sua frente,
Mas a maldade do povo
Se fazia ali presente.

Foi ficando na cidade
Sem nada para comer.
Viu uma barraca de frutas
Foi perto pra conhecer
Alguém que ao menos pudesse
Um fruto lhe oferecer.



Um cabra meio de longe,
Desde cedo a observava.
Veio se achegando aos poucos,
Fez que uma fruta comprava
E, como um lobo faminto,
Para a mocinha olhava.

Disse: "Oh, moça bonita
Qual a lua no nascente,
Seu sorriso me alegrou,
És para mim um presente.
Vejo em ti serenidade,
Além de linda, atraente".

Ela disse: "Eita, menino!
É lisonjeio ou terror?
Tu queres me emocionar
Com poemas de amor?".
Ele, então, mais que ativo,
Ofereceu-lhe uma flor.

Auritha pensou ligeiro:
"Ele quer minha atenção.
Mas, para funcionar
E pulsar meu coração,
Tem que vir como o sol quente
Que brilha lá no sertão".

E falou consigo mesma:
"Isso é uma tentação.
Vir gostar logo de mim,
Sem nenhuma explicação!
Eu vou embora daqui,
Peço a Tupã permissão".

Mas, com astúcia, o moço
Fez depressa uma proposta,
Dizendo: "Vê acolá,
Uma senhora de costa?
É mamãe e está vivendo
Solitária e indisposta.



Vamos comigo, menina.
Eu sou um homem do bem.
Em casa terás de tudo,
Até uma mãe também”.
Mas Auritha respondeu:
“Não quero ir com ninguém”.

Eram aqueles olhares
Bem em sua direção,
E voltados ao seu corpo,
Que lhe davam aflição.
Pois era mesmo bonita,
De acelerar coração.

Com saudade de seu povo,
Tudo se distanciava.
Sentia o corpo dolente,
Seu ânimo definhava.
Espíritos se afastavam,
Muito difícil ficava.

Pensou: “É cidadezinha,
Por isso que é assim.
Vou para a cidade grande,
Lá não deve ser ruim”.
E foi para Fortaleza
No carro de seu Milsim.



E seu Milsim a levou
À casa de um deputado.
Este, quando a recebeu,
Disse, bastante animado:
“Ela será uma doméstica
Na capital do estado!”.

Seguindo mais alguns passos,
Encontrou no corredor
Sua esposa, loira e nova,
Disse: “Olha, meu amor,
Um presente pra você
E pra mim, o seu senhor”.

A mocinha, atarantada,
Sem saber o que fazer,
Não conhecia essas coisas,
Começou a se arrepender.
Olhou de uma alta janela,
Sentiu medo de descer.

Valeu a experiência,
Um bom tempo pra pensar.
Ao completar quinze anos,
Com um mundo pra enfrentar,
Em cordel já começou
A sua história contar.





Voltou para sua aldeia
Firmando seu pensamento,
Querendo apagar as dores,
Espinhos do seu tormento;
Buscando sabedoria
E novo conhecimento.

Era moça virtuosa,
“Simpática, aquela Auritha!”
Invejada por demais,
Inteligente e bonita.
Cabeleira e olhos negros,
Como pedra aragonita.

Ao conhecer, na aldeia,
Um moço recém-chegado,
Paixão à primeira vista,
Desfecho precipitado.
À pressa do casamento
Pra esquecer o passado.

Teve filhos com o moço
Pra honrar a tradição.
Dos quatro, morreram dois,
Porém, como bênção,
Criar as duas meninas
Foi sua grande paixão.



Auritha tinha um segredo
Que não podia contar.
Somente pra sua avó
Se encorajou a falar.
Não gostava de meninos,
E não sabia lidar.

Chorava à noite e pedia:
"Oh, Tupã, meu criador,
Forças estão me faltando,
Devolva-me, por favor".
Fazendo diminuir
O grande fardo da dor.

Fez magistério indígena
Com muita dedicação.
Escrevia bem cordel,
Pesquisou com atenção.
E o governo aprovou,
A sua publicação.

Na sua comunidade,
Dispôs-se a alfabetizar
As crianças e os adultos,
Para assim minimizar
Os limites que impediam
O seu povo de lutar.

Passados quatorze anos,
Muita coisa aconteceu.
Enfrentando preconceito,
Outro mundo conheceu.
Sempre disposta a voar,
Em busca do que é seu.

Em um momento de dor,
Sem ter a quem apelar,
Com saudades do seu filho
Que a morte veio buscar,
Ficou sem noção da vida,
Quase a se desesperar.

Então saiu, dessa vez,
Para São Paulo, sozinha.
Deixou, com o pai na aldeia,
As duas filhas que tinha.
E no coração levou
Consigo cada indiazinha.

Rejeitado, o companheiro
Recusou-se a aceitar.
Foi bancar o pai-herói
No conselho tutelar.
Esperou ela sair
E já foi denunciar.



Formalizou a denúncia
De que ela havia largado
Duas crianças pequenas –
Para aldeia, um “pecado”.
E ninguém nem quis saber
O que tinha enfrentado.

Quando chegou em São Paulo,
Caiu numa depressão.
Sozinha e sem dinheiro,
Adoeceu coração.
Não ter notícia das filhas
Tirava-lhe o seu chão.



Na casa de conhecidos,
Cuidava de disfarçar.
Muitas noites mal dormidas,
Não parava de chorar.
Sempre de rosto inchado
Na hora de levantar.

Neste momento, leitor,
Ficarei no meu cantinho,
Deixando a própria Auritha
Seguir firme em seu caminho
E, de forma cativante,
Contar tudo com carinho:

Agora, eu tenho em mente,
Um desafio a enfrentar:
Refazer minha história,
Sem desistir de lutar.
Tantas noites eu chorei,
Quanta tristeza passei...
Não dá nem pra imaginar!

Depois de forte batalha
Buscando sobreviver,
Assumi minhas raízes
E assim pude perceber,
Tudo aqui tem um padrão:
Quem tem grana é patrão;
O ter é mais que o ser.

Mas, em vez de desistir,
Foi mais forte o meu amor:
Recorri à autoestima,
Tupã ouviu meu clamor,
Pois, nesta escola da vida,
Ter mente desenvolvida
Foi o meu maior valor.

Mãe é um anjo da guarda
Que nasce para brilhar,
Que supera ingratidão,
Sofre sem deixar de amar.
Minha mãezinha querida
Orientou-me destemida,
A cantar, rezar, brincar.





Hoje, me sinto estudada,
Só não pude ser doutora.
À luz da ancestralidade,
Honro a minha genitora.
Ouço seus ensinamentos,
Tradições, conhecimentos
De uma grande professora.

Creio não valer a pena
Uma batalha travar.
Seja bom de coração
Com quem lhe prejudicar,
Ouvindo quem não revida,
Do pecado até a dívida,
Só Deus poderá cobrar.

Retorno sempre que posso,
Mesmo com dificuldade.
Depois, minha primogênita,
Ainda menor de idade,
Também com seus treze anos,
Cheia de sonhos e planos,
Foi-se embora da cidade.

No processo que andava
Da minha separação,
Ele pleiteava a guarda
Porque queria pensão,
Mesmo com casa e salário –
Do Estado, funcionário –,
Já eu, sem nenhum tostão.

Resumindo minha história,
Ou seja, para encurtar:
Ele, sim, ganhou a guarda;
Pensão tive que pagar.
Mesmo sem estar comigo,
A caçulinha em abrigo
Já era um bem-estar.

Numa das minhas visitas,
Encontrei-a descontente.
Então, perguntei a ela:
"O que tem, anjo inocente?
Seu olhar está mostrando,
As lágrimas marejando,
Que alguma coisa sente".

Um nada, triste, ela disse:
"Só saudades da senhora,
Seu colo para dormir...".
Sua voz naquela hora
Fez meu mundo desabar,
Coração acelerar.
Pensei em não ir embora.

Vivo na cidade grande,
Mas não esqueço o que sei.
Difícil é viver aqui,
Por tudo que já passei.
Coração bom permanece;
A essência fortalece
Ante ao pranto que chorei.



Conheci outros parentes,
E muito mais aprendi,
Contando boas histórias
Do lado bom que vivi.
Tudo aqui é passageiro,
Não priorizo dinheiro
Por isso sobrevivi.

Mesmo estando distante,
Relembro com emoção
Os bichos soltos na mata
Buscando alimentação.
Assim antes eu vivia...
Hoje, quem quer mordomia
Vive só de ostentação.



Agora sinto saudades
Da brisa que lá soprava
Ao relento frio da noite,
No banco que me sentava
Para ouvir belas histórias
Que compõem minhas memórias –
Todas que vovó contava.

Sempre neles a pensar
E sentindo comoção,
Os costumes do meu povo
Estão no meu coração.
E com a literatura
Falo da minha cultura,
Riqueza de uma nação.

Agradeço a Tupã
Por me guardar e inspirar.
Ao meu povo Tabajara,
Pela vida me ensinar.
Se você é como eu,
Sofre ou antes sofreu,
Não desista de lutar.

Esta é minha história,
Tenho muito pra contar.
Feliz eu serei um dia
Se o preconceito acabar.
Letras são meu baluarte,
Revelo com minha arte
Um Brasil a conquistar.



REGINA DROZINA

Nasci em Foz de Iguaçu, no estado do Paraná, mas moro em São Paulo há quase 40 anos. Comecei a fazer xilogravuras em 2004 e sou autodidata nessa arte. Também faço bonecos e esculturas em madeira e em outras matérias.

Já participei de várias exposições, fiz livros, folhetos de café, CDs e cartões. Alguns trabalhos meus fazem parte do Museu do Arco de Laranjeira (PR), do Centro Xilogravura de Campos do Jordão (SP), do Centro Cultural do Itaquera (SP) e de acervos particulares.

Gosto muito da natureza, e com a xilogravura encontro a possibilidade de dar vida a material que extrair da madeira. Essa natureza vive na forma de uma matriz xilogravada, qual ritmo a vida e com a qual posso simbolizar e interpretar os meus sonhos.

INSTITUTO UKA

Para conhecer todas as atividades do Instituto UKA, encontre-nos nas redes sociais e visite o nosso site.

www.institutomoka.com.br
www.facebook.com/institutomoka
www.youtube.com/institutomoka
www.xiloporaninha.com

E, para outras informações, fale diretamente conosco:
ukacentro@gmail.com
(11) 3370-1190